

Simone Faustino da Silva

<http://orcid.org/0000-0002-2209-8315>

Universidade Federal do Ceará
- UFC
sifaustino.jor@gmail.com

Inês Vitorino Sampaio

<http://orcid.org/0000-0001-7507-4053>

Universidade Federal do Ceará
- UFC
inesvict@gmail.com

Thinayna Mendonça

Máximo

<http://orcid.org/0000-0001-8023-9078>

Universidade Federal do Ceará
- UFC
thinayna@gmail.com

**Infância, adolescência e TICs:
uma década de pesquisa
em Educação, Psicologia
e Comunicação***

**Childhood, adolescence and ICTs:
10 years of research into
Education, Psychology
and Communication**

**Infancia, adolescencia y TICs:
una década de investigación
en Educación, Psicología
y Comunicación**

* Versão preliminar deste artigo foi apresentada no XXX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), em julho de 2021.

RESUMO

Este artigo objetiva mapear pesquisas de mestrado e doutorado sobre crianças, adolescentes e TICs nas áreas de Comunicação, Educação e Psicologia, nos últimos 10 anos. O levantamento usou as bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Foram analisados 215 trabalhos, considerando categorias temáticas, sujeitos de pesquisa, métodos e técnicas de coleta e análise de dados. Apesar da fragilidade de indexação das bases de dados, o que resultou em um estudo não exaustivo, a análise revelou que “acesso e uso”, “mediação”, “aprendizagem”, “apropriação” e “consumo” foram as temáticas mais abordadas pelas três áreas. Temas de grande relevância no debate público de hoje sobre a esfera virtual (como *cyberbullying*, discurso de ódio e direitos digitais) emergiram pouco do corpus. Os adolescentes são os sujeitos prioritários, seguidos por crianças e professores. Prevalencem pesquisas qualitativas e de postura implicada, com uso preferencial de técnicas clássicas das ciências humanas e sociais na obtenção de dados, como observação, entrevista e questionário. Dentre as abordagens metodológicas mais utilizadas, destacaram-se etnografia, pesquisa exploratória, estudo de caso, pesquisa participante e análise de conteúdo.

Palavras-chave: Infância; Adolescência; TIC; Tecnologias; Estado da Arte.

ABSTRACT

This article aims to map master and doctoral research on children, adolescents and ICTs in the areas of Communication, Education and Psychology, in the last 10 years. The survey used Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) and Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) databases. Were analyzed 215 papers, considering thematic categories, research subjects, data collection and analysis methods and techniques. Despite the fragile indexing of the databases, which resulted in a non-exhaustive study, the analysis revealed that “access and use”, “mediation”, “appropriation”, “learning” and “consumption” were the most addressed themes by the three areas. Topics of great relevance in the current public debate on the virtual sphere (such as *cyberbullying*, hate speech and digital rights) appeared little in the corpus. Adolescents are the priority subjects, followed by children and teachers. Qualitative and engaged research prevails, with ethnography, exploratory research, case studies, participant research and content analysis being the most used methodologies and methods. Finally, there was a preference for classic data collection techniques in the context of the humanities and social sciences.

Keywords: Childhood; Adolescence; ICT; Technologies; State of the Art.

RESÚMEN

Este artículo mapea la investigación de máster y doctorado sobre niños, adolescentes y TIC en las áreas de Comunicación, Educación y Psicología, en los últimos 10 años. La búsqueda utilizó las bases de datos de la Coordinación de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Se analizaron 215 artículos en función de categorías temáticas, temas de investigación, metodología y técnicas de recogida de datos. A pesar de la frágil indexación de las bases de datos, que resultó en un estudio no exhaustivo, el análisis reveló que “acceso y uso”, “mediación”, “apropiación”, “aprendizaje” y “consumo” fueron los temas más abordados por las tres áreas. Temas de gran relevancia en el actual debate público sobre la esfera virtual (como el *cyberbullying*, la incitación al odio y los derechos digitales) aparecieron poco en el corpus. Los adolescentes son los sujetos prioritarios, seguidos de los niños y los profesores. Predomina la investigación cualitativa y comprometida, con preferencia por las técnicas clásicas de las humanidades y las ciencias sociales para la obtención de datos, como la observación, las entrevistas y los cuestionarios. Los enfoques metodológicos más utilizados fueron la etnografía, la investigación exploratoria, el estudio de casos, la investigación participante y el análisis de contenido.

Palabras-clave: Infancia; Adolescencia; TIC; Tecnologías; Estado del Arte.

Submissão: 9-11-2021

Decisão editorial: 31-8-2023

1. Introdução

Em diversos países do mundo (LIVINGSTONE *et al*, 2015), o avanço do acesso à internet por crianças e adolescentes tem sido identificado, destacando que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm ocupado cada vez mais espaço nos domicílios, possibilitando novos modos de acessar e produzir conhecimento, de se comunicar, de aprender etc. (VIOLATO; LOURAL, 2012).

A temática do uso e apropriação das TICs por crianças e adolescentes tornou-se foco de inúmeras pesquisas. Internacionalmente, o tema ganhou destaque com os estudos empíricos da rede *EU Kids Online*, coordenada pela pesquisadora Sonia Livingstone, tendo sido, posteriormente, ampliada com a formação da rede *Global Kids Online*. Os estudos da rede europeia, de abordagem interdisciplinar, propiciaram o desenvolvimento de modelos teórico-metodológicos, permitiram a realização de estudos comparados em larga escala e aprofundaram o debate ético sobre os direitos digitais de crianças e adolescentes.

No Brasil, o modelo europeu foi base para o desenvolvimento da pesquisa *TIC Kids Online Brasil*, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) nos últimos anos. Além da *TIC Kids Online Brasil*, o CGI.br vem desenvolvendo pesquisas sobre as TICs em

outros espaços, a exemplo da TIC Domicílios e da TIC Educação. São pesquisas importantes que nos permitem dimensionar as condições de acesso à internet no país, mas também da exclusão, ao evidenciar as profundas desigualdades sociais do país, agravadas mais ainda com a atual pandemia¹.

Apesar da popularização e do entusiasmo no uso das TICs, em países da América Latina, os desafios de conectividade e acesso se mantêm (TRUCCO; PALMA, 2020). No Brasil, a pesquisa TIC Domicílios 2021 revelou que 12,9 milhões de domicílios brasileiros não possuem computador nem acesso à internet. Desse número, a predominância se concentra nas regiões Nordeste e Norte, em áreas rurais e nas classes D/E. A pesquisa também revela que, enquanto a região Sul é a que apresenta o maior número de domicílios com acesso à internet (82%), a região Nordeste ocupa o último lugar (64%).

A falta de conexão em casa, no entanto, vem sendo contornada pelo uso do celular. Em toda a América Latina, a massificação do uso do celular tem contribuído para o aumento do acesso à internet, por ser um dispositivo mais barato que o computador (TRUCCO; PALMA, 2020). De acordo com a TIC Domicílios 2021, o celular é o dispositivo mais usado para acesso à rede (99%). E, segundo a TIC *Kids Online Brasil 2021*, ele é o único dispositivo de acesso à internet para 53% de crianças e adolescentes, dos quais 78% são das classes D/E (CGI.br, 2022). Tem sido apontado como dispositivo que pode reduzir a exclusão digital em termos de acesso, mas também pode produzir

¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/falta-de-acesso-internet-cresce-na-pandemia-agrava-desigualdade-24853389> Acesso em 30/03/2021.

desigualdades nas oportunidades associadas à participação *online* (TRUCCO; PALMA, 2020; MASCHERONI; CUMAN, 2014).

Embora crianças e adolescentes sejam chamados nativos digitais (PRENSKY, 2011), desigualdades de acesso, em especial na América Latina, revelam que o otimismo sobre as habilidades dos mais jovens em relação ao uso das TICs precisa ser questionado. Se só é possível usufruir das oportunidades *online* por meio do acesso à tecnologia (LIVINGSTONE; HELSPER, 2007), os 1,7 milhões de crianças e adolescentes não usuários de internet no país estão longe de apresentar habilidades digitais para usar a rede de forma segura.

Para que crianças desenvolvam habilidades no uso da internet, as mediações parental e escolar são fundamentais. A mediação dos pais é considerada central, pois o ambiente doméstico é apontado como principal local de uso das TICs (CGI.br, 2022; LIVINGSTONE *et al*, 2015). Além disso, os pais são responsáveis por administrar esse uso, comumente com a aplicação de regras, restrições e orientações. As escolas, apesar de algumas enfrentarem desafios em relação ao acesso à internet², favorecem mediações educativas importantes para potencializar as habilidades e oportunidades desse uso (PONTE; JORGE; CARDOSO, 2009).

Considerando o contexto, em que crianças e adolescentes estão cada vez mais conectados, torna-se relevante compreender como essa temática tem sido explorada na literatura. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo mapear quais temáticas, sujeitos,

² Segundo a TIC Educação 2021, menos da metade das escolas rurais brasileiras possuem acesso à internet. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121124500/resumo_executivo_tic_educacao_2021.pdf. Acesso em: 31/07/2023.

metodologias e técnicas metodológicas estão sendo exploradas nas pesquisas de mestrado e doutorado da última década sobre crianças, adolescentes e TICs. Para isso, analisamos 215 trabalhos, entre teses e dissertações, das áreas de Comunicação, Educação e Psicologia. Tais áreas, tradicionalmente, têm como foco de seus estudos crianças e adolescentes e estabelecem diálogo entre si, sobretudo no que diz respeito aos usos de mídias. Os trabalhos selecionados foram encontrados nas bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

O artigo apresenta, além desta Introdução, o percurso metodológico do estudo e as categorias que emergiram após a leitura flutuante dos dados (BARDIN, 2012), cuja tabela de codificação permanece *online* para acesso público³. A terceira seção deste trabalho é dedicada à análise dos dados colhidos. Ela está subdividida em quatro categorias, extraídas da tabulação geral de dados.

2. Metodologia

A metodologia empregada foi um levantamento sistemático de teses e dissertações com o recorte temporal de uma década (2009 a 2019) sobre a temática crianças, adolescentes e TICs. Priorizamos teses e dissertações por serem estudos mais consolidados se comparados aos artigos científicos, cuja extensão limitada dificulta maiores diálogos teóricos e aprofundamento empírico. Selecionamos trabalhos nas áreas

³ Dados da tabela acessíveis no link: <https://is.gd/GYGiKy>.

de Comunicação, Educação e Psicologia⁴, com o propósito de observar como cada área compreende e sob quais enfoques estuda a temática.

A escolha por essas três áreas justifica-se por serem as que apresentaram maior número de trabalhos em um primeiro levantamento, realizado em 2014, que incluía também as áreas de Sociologia, Linguística e Direito. Esse levantamento teve como objetivo identificar como as áreas abordavam as questões relacionadas ao uso das TICs por crianças e adolescentes e, ainda, selecionar bibliografia para pesquisa⁵ realizada pelo Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LabGRIM UFC).

Esta investigação foi metodologicamente balizada no modelo de coleta das pesquisas da série *Global Kids Online*. Nosso estudo comunica-se bastante com o levantamento da coletânea *Meios e Audiências* (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008). Ambos os trabalhos se debruçam sobre um universo específico de teses e dissertações, têm foco em programas de pós-graduação no Brasil e realizam um percurso por objetos de pesquisa, enquadramentos teóricos, modelos metodológicos, procedimentos/técnicas de coleta e principais lacunas dos trabalhos. A diferença, por sua vez, reside principalmente no levantamento de tópicos abordados. Enquanto Jacks, Menezes e Piedras trataram de trabalhos concentrados em recepção,

⁴ A escolha das áreas de Comunicação, Educação e Psicologia justifica-se por serem as que apresentaram maior número de trabalhos em um primeiro levantamento, realizado em 2014, que incluía também as áreas de Sociologia, Linguística e Direito.

⁵ O levantamento foi realizado na fase inicial da pesquisa TIC Kids Online Brasil Portugal, cujo relatório está disponível no link: https://www.researchgate.net/publication/328963769_TIC_Kids_Online_Brasil_Portugal.

nosso artigo engloba 15 temas (expostos na planilha de análise inspirada no instrumento da pesquisa TIC Kids Online Brasil), indo de acesso e uso a questões de consumo.

O levantamento foi realizado entre os dias 17 e 28 de setembro de 2020, nas bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A escolha pelas bases justifica-se por serem duas das principais utilizadas como fonte de pesquisa no país. A base de Periódicos CAPES é a de maior abrangência temática no Brasil, ao indexar a produção acadêmica nacional e estrangeira e permitir acesso a diversas outras bases. A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do IBICT, por sua vez, possibilita o acesso aos produtos finais (teses e dissertações) de cursos de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros. Compreendemos que considerar as duas bases ampliaria o nosso leque de escolhas, diante de possíveis lacunas em uma delas.

A busca foi feita pelas seguintes palavras-chave: infância; criança; adolescência; adolescente; TIC; redes sociais; jogos; games; inclusão digital; internet; celular e smartphone. Na tentativa de encontrar resultados mais precisos, usamos o operador booleano “and” para combinar as palavras infância, criança, adolescência e adolescente com as demais palavras-chave. Apesar de não estarem nas palavras-chave, também foram considerados estudos que tivessem como sujeitos pais, professores e profissionais de saúde, desde que explorassem questões diretamente ligadas a crianças e aos adolescentes, como mediação, formação de professores etc.

As bases de dados escolhidas permitiram a filtragem por ano, área do conhecimento e palavras-chave. Após checagem desses critérios, na ordem de disposição oferecida por cada ferramenta, e selecionados os marcadores citados, mantivemos apenas trabalhos que apresentassem as categorias buscadas no título, no resumo ou em ambos e que as configurassem como objeto central da investigação.

Adotamos como critérios de inclusão estudos em português, disponíveis *online* na versão completa, defendidos em programas de pós-graduação das áreas escolhidas. Após a leitura de títulos e resumos, os trabalhos que apenas tangenciavam a temática de crianças, adolescentes e TICs ou que não estavam disponíveis para acesso integral foram descartados. Identificamos também trabalhos listados em ambos os processos de busca.

A base do IBICT gerou resultados mais precisos e a seleção de trabalhos foi feita considerando todos os resultados gerados. Já na base da CAPES, enfrentamos maior nível de dificuldade para encontrar estudos com foco nas palavras-chave escolhidas, circunscritos às três áreas. Assim, embora a busca de trabalhos na base da CAPES tenha gerado um volume expressivo de resultados⁶, muitos deles traziam temáticas fora do interesse dessa pesquisa⁷. Estabelecemos como critério de corte a relevância indicada pelo próprio

⁶ Um exemplo foi a busca das palavras-chave *infância and internet* na área da Educação gerou 3742 resultados. Na base de dados do IBICT, a busca pelas mesmas palavras-chave nesta área gerou 59 resultados.

⁷ Um exemplo: a busca da palavra-chave "redes sociais" na área de Psicologia gerou o resultado: "Ansiedade, enfrentamento e redes sociais significativas de familiares cuidadores de crianças hospitalizadas com queimaduras", tese de Adriano Valério dos Santos Azevêdo, de 2016.

sistema da CAPES, incluindo até a página 20 da busca, o que correspondeu a 400 resultados. Ainda assim, este procedimento gerou um volume considerável de estudos – visto que, em cada página, os buscadores mostram um máximo de 20 trabalhos. Outro aspecto dessa base é que os trabalhos anteriores à criação da Plataforma Sucupira não estão disponíveis para acesso⁸. Tais trabalhos, portanto, demandaram um esforço adicional, externo às bases de dados, no qual buscamos pelos títulos em outros mecanismos de pesquisa para ter acesso aos arquivos.

Eliminando-se as repetições, o *corpus* definitivo foi composto por 215 trabalhos⁹, como apresentamos na figura abaixo (FIG. 1), com a distribuição das teses e dissertações por área:

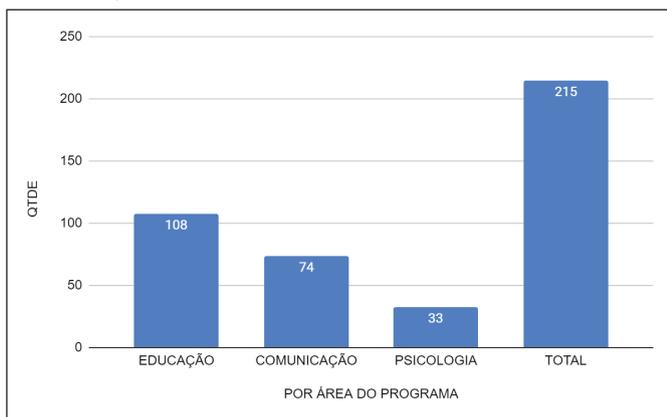


FIGURA 1 – Corpus do artigo (distribuição dos trabalhos por área do programa)

Fonte – BDTD/IBICT e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

⁸ Para tais trabalhos, a base informa apenas o título, autoria, instituição e ano.

⁹ Em virtude do volume considerável do *corpus*, as referências bibliográficas dos trabalhos coletados não constam da bibliografia deste artigo, tendo sido disponibilizadas em um arquivo à parte: <https://is.gd/TBhTIR>.

O *corpus* foi sistematizado a partir dos seguintes tópicos: a) área de conhecimento do programa; b) base de dados onde está hospedado o trabalho; c) tipo de documento (se dissertação ou tese); d) instituição; e) ano de publicação; f) título do trabalho; g) autoria; h) objetivo da investigação; i) tópicos abordados; j) sujeitos da pesquisa; k) enquadramento teórico; l) autores relevantes; m) abordagem do estudo (se qualitativo, quantitativo ou ambos); n) natureza da metodologia (única ou multi-metodológica); o) metodologia e métodos de análise escolhidos e n) técnicas de coleta de dados empregadas.

Neste artigo, optamos por considerar alguns aspectos mais centrais relativos apenas às temáticas abordadas, sujeitos de pesquisa, metodologia e técnicas de coleta de cada área do conhecimento. Desse modo, a análise dos dados se dará a partir de cada categoria.

3. Análise dos Dados

Levantamos 215 trabalhos defendidos/apresentados em Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* das áreas de Comunicação, Psicologia e Educação, sendo 41 teses e 174 dissertações. Desses trabalhos, 45 foram encontrados na base de dados do IBICT e 170 na base de dados da CAPES. As questões relacionadas às temáticas, aos sujeitos e às metodologias mais exploradas nos estudos serão analisadas nas seções subsequentes.

3.1 Temáticas prevalentes

Levando em consideração as principais temáticas abordadas em pesquisas sobre infância, adolescência e TICs (CGI.br, 2022; MASCHERONI, CUMAN,

2014; LIVINGSTONE *et al*, 2015), definimos os seguintes tópicos para a categorização dos trabalhos: a) acesso e uso; b) aprendizagem; c) mediação; d) apropriação; e) atividades; f) inclusão digital; g) *cyberbullying*; h) direitos; i) privacidade; j) gênero; l) participação *online*; m) consumo; n) bem-estar; o) discurso de ódio e p) *sexting*. Categorizamos os principais tópicos abordados, até o máximo de três por trabalho¹⁰, a fim de evitar dispersão e identificar temáticas mais exploradas em cada área do conhecimento.

Na área da Comunicação (FIG. 2), os tópicos prevalentes foram: apropriação, consumo e mediação. Já os tópicos atividades, *cyberbullying*, discurso de ódio e *sexting* não foram identificados em nenhum trabalho, considerados os critérios de busca já explicitados.

Em relação aos dois primeiros termos – apropriação e consumo – utilizados nos trabalhos investigados, é importante salientar que não são objeto de definições consensuais, que permitam designar com precisão suas singularidades para além de suas interconexões. Ciente disto, apenas buscamos respeitar na composição desta análise as escolhas feitas pelos pesquisadores e suas tradições. Construímos, então, um percurso analítico pautado na compreensão de que o consumo se configura como um processo sociocultural mais amplo, que tem o consumo midiático como uma modalidade específica, no qual se realizam processos de apropriação, correlatos aos usos feitos de dispositivos, gêneros, mensagens etc¹¹.

O termo apropriação, neste artigo, alinhado com a tradição dos estudos analisados, remete ao pro-

¹⁰ Na categorização dos trabalhos, identificamos estudos que contemplavam mais de um tópico. A soma de ocorrências superior a 215 (total de trabalhos) decorre disso.

¹¹ Ver mais sobre essa discussão em Schmitz (2015).

cesso de “tornar próprio”, ‘apoderar-se” (THOMPSON, 1998, p. 44)¹² de um determinado elemento (conteúdo, dispositivo, espaço etc.), construindo sentido sobre ele e transformando-o em práticas cotidianas e situadas em contextos relacionais. Nos trabalhos que privilegiam a temática da apropriação, há a identificação de um espectro bastante variado de elementos: apropriação da internet e redes sociais (BOLZANI, 2015; TOMAZ, 2017; dentre outros); apropriação de dispositivos móveis (MOURA, 2014; DUTRA, 2014, dentre outros) e apropriação da publicidade (MONTEIRO, 2018; OLIVEIRA, 2018). Depreendemos desta valorização do termo apropriação um olhar sensível à condição de agência dos internautas.

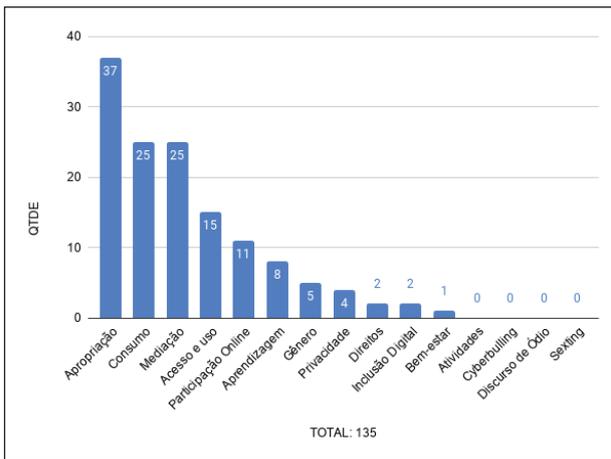


FIGURA 2 – Tópicos abordados em Comunicação

Fonte – Dados coletados pelas autoras, 2020.

¹² Thompson (1998) privilegia em sua análise o processo de apropriação de conteúdo, mas consideramos legítima a extensão para outros elementos, visto a natureza hermenêutica desse processo em outras situações.

Em relação à temática do consumo, compreendido aqui como uma série de processos culturais em que os usos e apropriações dos produtos se realizam (CANCLINI, 2010), identificamos trabalhos que abordam o consumo de aparelhos e dispositivos móveis (ARRAIS, 2011; TONDO, 2016), o consumismo e a promoção do consumo em redes sociais (FÉ, 2018; FERREIRA, 2017; dentre outros), as práticas de consumo de crianças, adolescentes e jovens (MALTA, 2012; QUINTIAN, 2018; GONÇALVES, 2019) e discutem o consumo por meio da análise da publicidade direcionada às crianças no *YouTube* (PAPINI, 2016; ANDRADE, 2019). Tais estudos inserem-se, assim, em larga tradição dos estudos comunicacionais que reconhecem a centralidade do consumo e sua implicação na produção de sentido e de circulação de mensagens.

Compreendemos mediação como o processo de filtragem das influências da família e de outras instituições, visando a proteger, interpretar, criticar, reforçar, complementar, contradizer, reagir e transformar a relação com tais influências (BRYCE; LEICHTER, 1983). Trabalhos que exploram a questão da mediação apresentaram os enfoques da mediação de dispositivos móveis na interação (IGREJA, 2016; ALMEIDA JUNIOR, 2013), a mediação do consumo midiático (KOHLS, 2017) e mediação parental voltada ao uso de dispositivos móveis por crianças (SCHIAVO, 2018, MÁXIMO, 2017). Frente ao uso crescente de dispositivos e dos processos de interação via telas, a mediação do acesso e uso às tecnologias por adultos responsáveis ganha espaço.

Na área da Educação (FIG. 3), os tópicos mais identificados foram acesso e uso, aprendizagem e mediação. A ênfase, neste caso, recai sobre a re-

lação mais imediata com os dispositivos em termos de hábitos de consumo destes, da sua relação com os processos informais de ensino-aprendizagem e de um olhar atento à responsabilidade dos adultos no acompanhamento dessa experiência. Nenhum dos trabalhos analisados explorou, com destaque, os tópicos discurso de ódio, bem-estar e sexting.

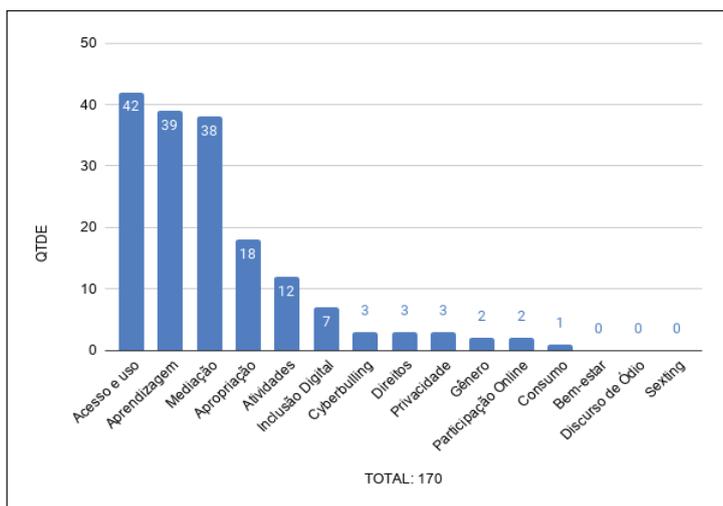


FIGURA 3 – Tópicos abordados em Educação

Fonte – Dados coletados pelas autoras, 2020.

A temática de acesso e uso foi identificada predominantemente com o enfoque do uso das TICs em contexto escolar, como ferramentas de ensino-aprendizagem (NASCIMENTO, 2016; ALBACH, 2012, dentre outros). Identificamos também estudos sobre o uso de dispositivos móveis por professores (LEAL, 2018; RIBEIRO, 2017), sobre o uso das TICs por crianças e adolescentes destinados à interação entre os pares (MEDEIROS, 2018; KOBS, 2017; QUEIROZ, 2015), estudos com o objetivo de identificar os usos das tecnologias

digitais por crianças e adolescentes (FREIRE, 2012; FERREIRA, 2014). Os usos das TICs em ambiente doméstico (MARTINS, 2018), o acesso às tecnologias por crianças e familiares (MENDES, 2010) e a percepção de adolescentes sobre os usos dos dispositivos móveis (ESCALANTE, 2013) também foram identificados, trazendo ênfase na dimensão instrumental dos dispositivos.

Os estudos que destacaram a temática da aprendizagem têm o enfoque prevalente do uso de ferramentas pedagógicas e jogos digitais para facilitar o processo de ensino-aprendizagem (HOFFMANN, 2015; LOMBARDI, 2018; MORGADO, 2018). Identificamos também estudos que exploraram as práticas de letramento digital (SANTIAGO, 2014; XAVIER, 2017; dentre outros), a identificação de as competências digitais (SIEMENTKOWSKI, 2017) e os efeitos dos usos das TICs na aprendizagem de crianças (MONTEIRO, 2016; OLIVEIRA, 2018). A área de Educação, como se vê, elege a temática da aprendizagem como central, ocupando-se menos das dinâmicas internas da comunicação.

O tema da mediação aparece nos estudos sob a perspectiva da mediação das TICs no ensino (ARAUJO, 2014; SALGADO, 2016; BRIZOLA, 2017; dentre outros), da mediação escolar para uso das TICs exercida pelos professores (COSTA, 2019; CORREIA, 2015) e da mediação parental no uso das tecnologias digitais (MARTINS, 2018). A baixa incidência de temas como direitos, privacidade, participação *online* e consumo, por outro lado, sinaliza que o olhar formativo precisa problematizar mediações de classe, etnias, gênero, dentre outras, e suas implicações do ponto de vista do exercício de direitos.

Na área da Psicologia (FIG. 4), os tópicos mais abordados são acesso e uso, apropriação e media-

ção, sendo que este último com menos expressão. Nos trabalhos, não foram identificados os tópicos de direitos, discurso de ódio, inclusão digital e participação *online*. Afora, então, os dois primeiros tópicos – acesso e uso e apropriação – para os quais valem as observações já feitas, o que se percebe é uma grande pulverização das temáticas.

A temática do acesso e uso foi abordada em estudos voltados à identificação de usos das TICs por crianças e adolescentes (CABRAL, 2016; AZEVEDO, 2018), à problematização dos usos de tecnologias digitais em ambiente escolar (KHOURI, 2015), à análise dos usos de dispositivos móveis quanto ao tempo de uso e à atenção de crianças (FRANÇA, 2019) e aos hábitos de sono de crianças (BARINO, 2014).

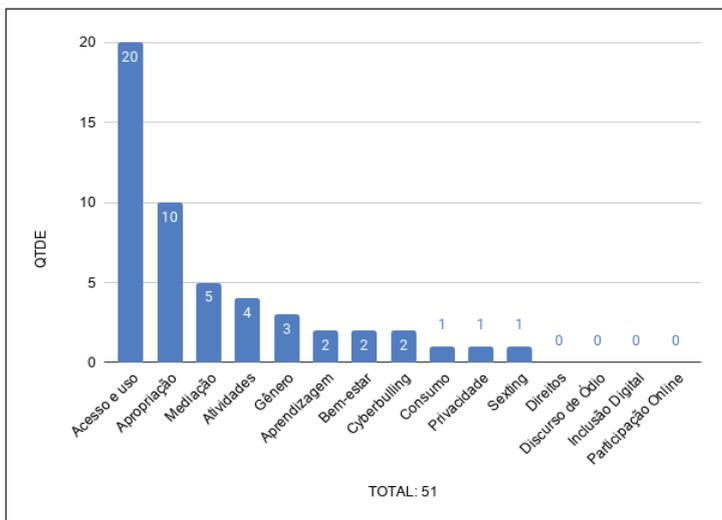


FIGURA 4 – Tópicos abordados em Psicologia

Fonte – Dados coletados pelas autoras, 2020.

Percebemos nessas escolhas, mais uma vez, a predominância de um olhar instrumental, mais prag-

mático, da comunicação, no qual além do mapeamento das formas de uso, indaga-se sobre suas implicações quanto ao tempo de exposição, à atenção e ao sono.

Os estudos que destacaram a temática da apropriação apresentaram, predominantemente, dois enfoques: apropriação de sites de redes sociais para investigar os sentidos estabelecidos por adolescentes (MINEIRO, 2015; OLIVEIRA, 2011) e apropriação das TICs por crianças em atividades lúdicas no contexto de afirmação de uma cultura lúdica (BECKER, 2017).

A mediação abordada nesses trabalhos focava nas TICs como mediadoras de relações e interações virtuais (DIAS, 2015) e na mediação de pais no uso das tecnologias digitais (TRINDADE, 2014). Além das reflexões sobre processos de mediação anteriormente mencionados, chama atenção a ênfase no contexto digital desses estudos.

De modo geral, nas três áreas há predominância das temáticas de acesso e uso, mediação, apropriação, aprendizagem e consumo. Temáticas mais específicas como *sexting*, *cyberbullying*, gênero e bem-estar tiveram baixa ocorrência. Destacamos que a temática do ódio – presente nos debates contemporâneos – não foi identificada em nenhuma das três áreas. Sobre esses temas, Sifuentes, Ribas e Bianchini (2019, p.5) chamam atenção para a interação de crianças e adolescentes com novas plataformas midiáticas, a qual deve ser feita jogando luz na “compreensão do contexto sociocultural dos sujeitos” (*Idem*, p. 5). Isto porque “renovadas condições de ‘recepção’ se colocam como espaços de participação dos sujeitos nos processos de comunicação digital, abrindo a possibilidade de expressividade de temas, debates

e exercícios de pessoas não possíveis nos esquemas tradicionais da comunicação" (SAGGIN; BONIN, 2016, p. 2), como é o caso, inclusive de crianças e jovens.

3.2 *Sujeitos investigados*

Com o objetivo de identificar os sujeitos que participaram dos estudos levantados, definimos: a) crianças, b) adolescentes, c) professores, d) pais, e) profissionais de saúde, f) outros. Como o mesmo estudo pode apresentar sujeitos diferentes, a soma das ocorrências ultrapassa o total de trabalhos levantados. Considerando as três áreas, identificamos que estudos com adolescentes se destacaram, com 106 trabalhos, seguidos pelos estudos com crianças com 64 estudos e professores com 56 trabalhos.

Na área da Comunicação, os estudos com adolescentes (43) e crianças (27) apareceram em maior número. Igualmente na área da Psicologia, pesquisas com adolescentes se destacam (21), seguidas pela pesquisa com crianças (7). Já na área de Educação, os professores aparecem em primeiro lugar, com 49 trabalhos, seguido pelos adolescentes com 42 trabalhos e pelas crianças com 30 estudos.

Esta prevalência dos estudos com adolescentes em comparação com os estudos com crianças pode estar associada a vários fatores, dentre os quais destacamos: o número mais expressivo de adolescentes usuários da internet do que de crianças (CGI.br, 2022); o nível mais elevado de dificuldade metodológica da pesquisa com crianças e, talvez, possa indicar maior abertura para ouvir aqueles que já se aproximam da fase adulta, numa sociedade marcadamente adolto-cêntrica (CASTRO, 2008).

Na área da Educação identificamos a predominância de professores como sujeitos de pesquisa. Podemos inferir, portanto, que a área tem privilegiado o olhar e a perspectiva docente sobre o uso das TICs em seus estudos. Como observamos nas temáticas exploradas nos trabalhos levantados na área, questões como uso das TICs por professores e no contexto escolar se destacam.

Os dados da TIC Educação de 2019 revelam que 100% dos professores de escolas urbanas entrevistados são usuários de internet. Na realidade rural, 94% dos responsáveis pelas escolas também são considerados usuários. Considerando esses dados, podemos deduzir que, apesar das dificuldades técnicas e socioeconômicas¹³, o acesso à internet por professores e responsáveis nas escolas vem se tornando uma realidade.

Os dados encontrados no levantamento sobre as três áreas do conhecimento sinalizam que a participação de crianças em pesquisas tem sido ainda pouco explorada, mesmo que as conexões de grande parte destas com os dispositivos comunicacionais desde a mais tenra idade venha a definir as bases de suas interações. Esta questão é ainda mais relevante se considerarmos a existência de 35,5 milhões de crianças no país, o que representa 17,1% da população brasileira (IBGE, 2018).

Ao longo do século XX, as pesquisas no campo da infância estiveram mais orientadas pela perspectiva do desenvolvimento (CASTRO, 2008). O campo da Sociologia da Infância provocou revisões importantes nos enfoques teórico-metodológicos vigentes,

¹³ A pesquisa aponta que muitas escolas ainda enfrentam problemas de estrutura, tornando precário o acesso à internet e aos equipamentos eletrônicos.

ao promover o reconhecimento das crianças como agentes sociais (CHRISTENSEN; JAMES; JENKS, 2000). O fato de a relação da infância com as TICs, sob a ótica das crianças, ser pouco abordada nas três áreas evidencia uma lacuna importante a ser enfrentada pela academia.

3.3 *Abordagens e metodologias escolhidas*

Em consonância com Martins (2004), entendemos o conceito de metodologia não restrito a uma discussão tutorial sobre técnicas de pesquisa, mas que incide, de modo mais abrangente, sobre "maneiras de se fazer ciência" (p. 291). Trata dos caminhos, dos processos de escolha subsidiados pelo tratamento da realidade em termos teóricos e práticos (DEMO, 1985, p.19). Daí decorre o posicionamento de entender que a mera citação à pesquisa qualitativa ou quantitativa não sustenta o status de metodologia sem estar subsidiada por alicerces epistemológicos e teórico-metodológicos.

Ao analisar as escolhas metodológicas dos trabalhos que compõem o *corpus*, vê-se a predominância de estudos empíricos, em detrimento de investigações de ordem teórico-metodológica. A proporção de trabalhos dedicados declaradamente à pesquisa documental ou bibliográfica não alcança uma dezena, dentre as 236 menções a metodologias e 234 a métodos de análise que guiaram as pesquisas selecionadas. Essa preferência por pesquisas aplicadas sugere uma tendência de debruçar-se sobre questões localizadas, tangibilizando-as na vida cotidiana.

Quanto à abordagem de pesquisa, a pesquisa qualitativa está no topo das preferências com 185 menções (86,04% do *corpus*), dentro das quais

encontram-se diversos métodos que privilegiam “a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais”, e cuja aplicação possibilita ao investigador “estreita aproximação dos dados”, fazendo-os “falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la” (MARTINS, 2004, p. 292). Como postula Flick (2012), é prudente falar em “metodologias qualitativas”, no plural, dado o leque de métodos e instrumentos de análise que o termo abriga. A pesquisa qualitativa foi seguida, após larga distância, pelas abordagens quali-quantitativa (8,83%) e quantitativa (4,65%). A distribuição pode ser melhor visualizada na figura abaixo (FIG. 5).

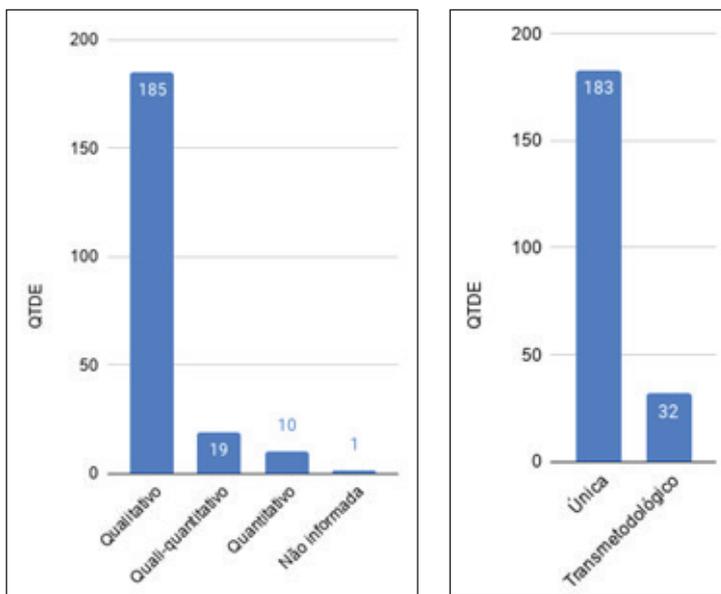


FIGURA 5 – Abordagem e natureza dos trabalhos

Fonte – Dados coletados pelas autoras, 2020.

Como foram identificados mais de 200 métodos e técnicas de análise nos trabalhos selecionados, optamos por discutir mais detalhadamente aqueles que apareceram, na classificação das autoras, em pelo menos cinco trabalhos. Desse modo, apresentamos visualmente, como dispostas a seguir (FIG. 6), as metodologias e métodos mais mencionadas:

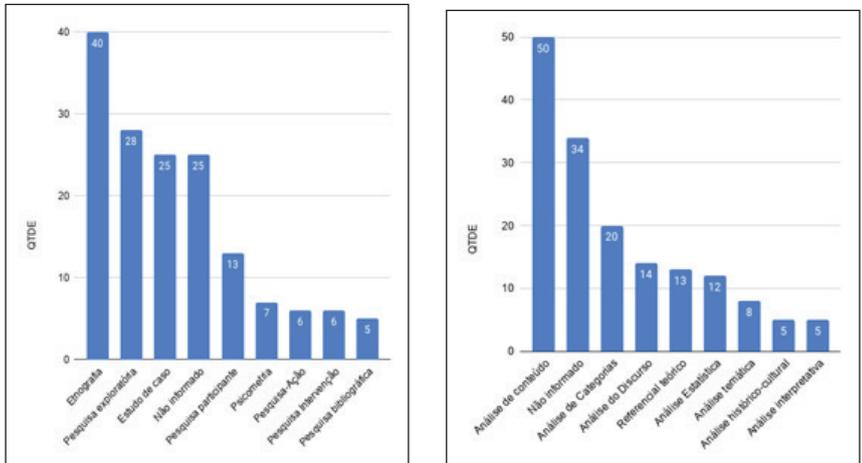


FIGURA 6 – Metodologias¹⁴ (à esquerda) e métodos de análise (à direita)

Fonte – Dados coletados pelas autoras, 2020.

Identificamos estudos que apontam “pesquisa qualitativa” ou “pesquisa quantitativa” em si como metodologias, sem informar com mais precisão os métodos de análise que as viabilizaram (AMARAL, 2010; ALBACH, 2012; GONÇALVES, 2014; MUNARIM, 2014; KERSCHER, 2017; PEREIRA, 2018; QUINTIAN, 2018, dentre outros). Nesses casos, optamos por classificar o

¹⁴ Seguimos aqui o delineamento de pesquisa dos trabalhos selecionados, entendendo que essa classificação não é consensual. Um exemplo é o estudo de caso que, de modo prevalente, é classificado como método; igualmente, a ancoragem no referencial teórico, que a priori não é uma técnica de coleta, também é assim circunscrita por alguns trabalhos.

método eleito como “Não informado”. Impressiona a alta ocorrência desse tipo de imprecisão, tanto nas metodologias quanto nos métodos de análise, fato que denota fragilidades na formação metodológica de graduação e pós-graduação brasileiras.

A etnografia (incluímos suas variações, como a pesquisa de inspiração etnográfica e a etnografia virtual) é a maior preferência dos pesquisadores, com 40 (16,94%) dentre 236 menções. Com origem nos estudos antropológicos, A etnografia foi sendo, ao longo do tempo, apropriada e modificada pelas experiências e especificidades das áreas que dela se utilizam, fazendo mais sentido hoje falar em “pesquisa do tipo etnográfica” do que recorrer ao termo etnografia (ANDRÉ, 1995).

Nos programas de Comunicação de nosso *corpus*, essa metodologia está na primeira posição, com destaque para sua vertente voltada para o digital. Fragoso, Recuero e Amaral (2011) definem o percurso etnográfico virtual como a prática de “explorar e expandir as possibilidades [...] através do constante uso das redes digitais” (p. 198), sentindo, por meio da imersão e da observação, os reflexos de determinado fenômeno ou questão na vida dos envolvidos.

Em segundo lugar, defrontamo-nos com a metodologia exploratória, que engloba pesquisas que se aproximam empiricamente do fenômeno concreto a ser investigado, com o intuito de perceber seus contornos, nuances, singularidades, em um constante tatear de aspectos que enriqueçam a problemática de análise (BONIN, 2012, p. 4). Ela foi elencada por pesquisadores das três áreas, mostrando ser opção satisfatória para diferentes campos das ciências humanas e sociais. Pela própria volatilidade das relações

entre os sujeitos e temas aqui considerados, o potencial da pesquisa exploratória é um bom desenho dos problemas da investigação, revendo conceitos e ideias e tornando-os passíveis de uma investigação sistemática posterior, ampliando a contribuição (*Idem*, 2012).

O estudo de caso foi a terceira metodologia mais adotada. Segundo Nisbett e Watt (1978), esse tipo de metodologia, popular em áreas como Educação e Administração, é uma investigação de enfoque sistemático em uma instância específica, podendo ser um grupo, um evento, uma instituição, dentre outras possibilidades (NISBETT; WATT *apud* ANDRÉ, 1984). Na quinta, sétima e oitava posições foram registradas metodologias de pesquisa ativas e implicadas, como a pesquisa participante (13 ocorrências ou 5,50% do *corpus*), a pesquisa-ação (6 ocorrências/ 2,54%) e a pesquisa intervenção (6 ocorrências/ 2,54%), que têm alguns elementos comuns: "[...] uma mudança na postura do pesquisador e dos pesquisados, uma vez que todos são coautores do processo de diagnóstico da situação-problema e da construção de vias que possam resolver as questões (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 66).

Várias interpretações vêm à mente para entender a relevância desse tipo de método crítico no *corpus* em análise. Uma poderia ser a forte tradição de métodos participativos na pesquisa latino-americana, fruto de décadas de regimes repressores e, também, de uma epistemologia construída na superação das desigualdades (*Idem*, 2003); outro fator está associado às dificuldades de se obter financiamento para pesquisas quantitativas, pois demandam grande amostragem e maior custo.

Quanto aos métodos associados às metodologias para analisar os dados, expostos na Figura 6, a análise de conteúdo desponta como preferida (com 50 ocorrências de 234, totalizando mais de 20% sozinha), ladeada por análise de categorias (20 ocorrências/ 8,54%) e análise do discurso (14 ocorrências/ 5,98%) como as três mais recorrentes. Acreditamos que isso se deve ao fato de a AC ser cara às três áreas consideradas, apresentando-se como um método de análise sem pretensões de neutralidade, adequado a grande volume e variedade de dados e estruturado na codificação e categorização de contextos, o que favorece a formulação de hipóteses (GODOY, 1995; KRIPPENDORFF, 2004; BARDIN, 2012). Se mesclarmos metodologias e métodos, ela supera até mesmo a etnografia em presença no *corpus*.

Por fim, houve baixa ocorrência de pesquisas de abordagem quantitativa, aqui representadas pela metodologia psicométrica (7 ocorrências/ 2,96%), apoiada em escalas validadas e análise estatística, com concentração na área de Psicologia (PASQUALI, 2013). A presença menor no *corpus* de trabalhos revela que a quantificação de fenômenos sociais tende a servir mais como pista para análises qualitativas que como metodologia. Conforme afirmam Lourau e Lapassade (1975), entender essa associação é desconstruir a contraposição entre ambas as abordagens.

3.4 Técnicas e instrumentos de coleta

Nos trabalhos, menções a instrumentos de coleta de dados foram identificadas 392 vezes, indo dos mais tradicionais na pesquisa social, como entrevista, observação, questionário e atividade em grupo, a outros mais “inovadores”, como curadoria de me-

mes, *e-picture books*¹⁵ e avatares pessoais na internet. Enquanto 85 (39,53%) estudos elencaram uma única técnica de coleta, 130 (60,46%) estudos utilizaram instrumentos mistos

De posse dos números apresentados na figura abaixo (FIG. 7), destaca-se uma clara preferência por métodos de coleta de dados considerados tradicionais em pesquisa social (GIL, 1989; BAUER; GASKELL, 2008; FLICK, 2012).

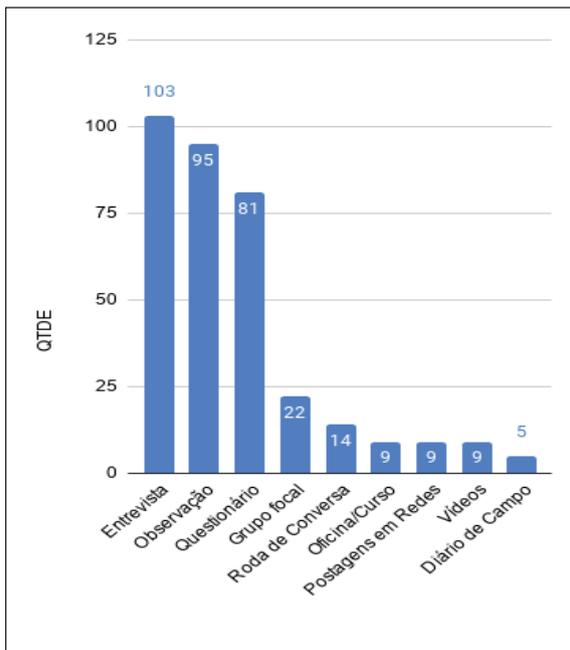


FIGURA 7 – Instrumentos de coleta de dados

Fonte – Dados coletados pelas autoras, 2020.

Não foi surpresa que a maior parte dos trabalhos tenha recorrido à entrevista (103 ocorrências dentre

¹⁵ Livros eletrônicos ilustrados, em formato digital, que podem conter imagens em movimento.

392 menções, equivalente a 26,27%) como um de seus instrumentos de contato com os objetos de pesquisa. Trata-se de uma das técnicas clássicas de obtenção de informações no contexto das ciências sociais (DUARTE, 2009). Tedesco, Sade e Caliman (2013) justificam sua importância, por ser "capaz não só de acompanhar processos como também, por meio de seu caráter performativo, neles intervir, provocando mudanças" (p. 300).

A observação (95 menções/ 24,23%) e o questionário (81 menções/ 20,66%) são as técnicas de coleta de dados que ocupam, respectivamente, a segunda e terceira posições neste levantamento. A primeira é definida por Gil (1989) como "uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano" (*Idem*, p. 104), na qual "os fatos são percebidos diretamente, sem necessidade de qualquer intermediação" (*Idem*, p. 104). Sua escolha, em parte considerável dos trabalhos deste levantamento, deve-se ao fato de ser ferramenta útil para o conhecimento de fatos, acontecimentos ou situações cujo caráter é de certa forma público, manifesto ou visível na vida social dos indivíduos. A ocorrência alta aparenta ser relacionada com a prevalência de pesquisas de natureza participante, conforme analisamos na seção anterior.

Já o questionário, que pode aparecer comumente com a nomenclatura sinônima de "questionário" ou "enquete", é extremamente versátil e traduz os objetivos específicos da pesquisa de maneira a operacionalizá-los em uma direção previsível e testável. Se bem elaborado, possibilita quantificar fenômenos sociais, opiniões e comportamentos, tendo como grande vantagem a chance de atingir gran-

de número de pessoas, o anonimato de respostas e uma coleta que, pela impessoalidade, não expõe os pesquisados à influência de aspectos pessoais do pesquisador (GIL, 1989).

Os três instrumentos que se encontram na quarta, quinta e sexta posições de preferência dos estudos são caracterizados por seu caráter coletivo. Os grupos focais, rodas de conversa e oficinas são bastante utilizados na pesquisa social qualitativa, pois, como afirma Zimerman (2007), “um grupo não é um mero somatório de indivíduos; pelo contrário, ele se constitui como uma nova entidade, com leis e mecanismos próprios e específicos. [...] O grupo é uma unidade que se comporta como uma totalidade e vice-versa” (ZIMERMAN, 2007, *Online*).

De menor ocorrência, os instrumentos “postagens em redes sociais” e “vídeos” (em redes sociais ou plataformas específicas), com apenas 9 menções cada (2,29%), estão especialmente concentrados nos trabalhos da área de Comunicação, algo já esperado pela dedicação de linhas de pesquisas de diversos programas desta área à questão da cultura visual e da sociabilidade nessas mídias. Conforme afirmam Bauer e Gaskell (2008), a imagem é um elemento cultural muito potente. Não só o universo visual e as mídias onde ele tem muita centralidade são fontes de informação, como ambos desempenham papéis relevantes na vida social, política e econômica. Não só não devem ser ignorados, como ganham, certamente, status de fatos sociais no sentido durkheimiano.

A pouca recorrência do diário de campo entre os trabalhos do *corpus* (MATTA, 2012; MOURA, 2014; FELIPE, 2016; AZEVEDO, 2017; TRINDADE, 2018) é fato que chama a atenção, pois constatamos que o re-

curso foi renunciado mesmo por estudos de inspiração metodológica etnográfica (que tradicionalmente encoraja seu uso). Esse dado revela precariedade no entendimento dos vínculos essenciais entre as metodologias e suas técnicas.

Considerações finais

Encerrando este levantamento sistemático, ficou visível que as bases de dados utilizadas apresentam fragilidades na indexação de trabalhos. Um exemplo é a geração imprecisa de resultados, gerando um enorme descarte, e a indisponibilidade de acesso a determinadas teses e dissertações. Tendo isso em vista, acreditamos que o número de estudos aqui levantados não corresponde fielmente à realidade de produção da área.

Mesmo que o estudo não tenha se proposto a ser exaustivo e tenha recorrido ao critério de relevância, no caso da base da CAPES, observamos que dissertações e teses de laboratórios e grupos de pesquisa consolidados na área de infância, adolescência e TICs não foram identificados na busca. São evidências disso os estudos do Núcleo Infância, Comunicação e Arte (NICA) da Universidade Federal de Santa Catarina, e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dentre outros.

O mapeamento de 215 dissertações e teses, com esse enfoque temático nas áreas de Comunicação, Psicologia e Educação na última década, nos permitiu construir um panorama que, embora incompleto, pode ajudar a compreender tendências, fortalezas e fragilidades desses estudos nas três áreas.

No que concerne às temáticas prevalentes os temas acesso e uso, apropriação, mediação, aprendizagem e consumo foram os mais referidos. Na área de Comunicação não foram identificados trabalhos sobre *sexting*, *cyberbullying* e discurso de ódio, tópicos que movimentam bastante o debate público atual na esfera virtual, indicando uma lacuna na área. Na Educação, também não foram identificados estudos sobre discurso de ódio e *sexting*. Já na área da Psicologia, não identificamos trabalhos sobre a temática de direitos, discurso de ódio, inclusão digital e participação *online*.

As relações de crianças e adolescentes com discurso de ódio, *sexting* e *cyberbullying* são categorizadas como riscos no uso da internet, demandando estudos robustos sobre tais temáticas, visto que são aspectos que podem comprometer o direito à participação de crianças e adolescentes nas esferas públicas midiáticas. Nessa linha, vale assinalar também a pouca atenção conferida pelos estudos à temática da inclusão digital e do exercício dos direitos, em um país marcado pela desigualdade.

A respeito dos sujeitos de pesquisa, observamos uma predominância de estudos com adolescentes nas áreas de Comunicação e Psicologia e de professores na área da Educação. Tais dados evidenciam a necessidade de se ampliar os estudos com crianças que considerem suas visões sobre as tecnologias da informação e comunicação e seus contextos de uso, buscando romper com uma lógica adultocêntrica.

Quanto às escolhas metodológicas do *corpus*, listamos os seguintes achados: a) a predileção por estudos empíricos, dedicados a investigar questões localizadas; b) uma predominância de mais de 80%

de investigações de abordagem qualitativa; c) a dificuldade de alguns estudos de comunicar com clareza a metodologia, justificando essa escolha com noções genéricas como apontar “pesquisa qualitativa” como metodologia, sem detalhamento; d) a preferência por metodologias de inspiração etnográfica, seguidas pelas de perspectiva empirista, como pesquisa exploratória e estudo de caso; por metodologias implicadas, como pesquisa participante, pesquisa-ação e pesquisa intervenção; e por análise de conteúdo como método de análise mais recorrente.

Já sobre os instrumentos de coleta de dados, os mais populares são os tradicionais, tais como entrevistas, observações, questionários e grupos focais. Embora tenham sido registrados alguns recursos de caráter mais inovador, como memes, *e-picture books* e experiência do usuário em jogos, somados estes não chegam nem à quantidade de menções do diário de campo, que já são poucas.

Considerando o direito de crianças e adolescentes ao uso da internet e das TICs, reiteramos a necessidade de aprofundamento dos estudos nas três áreas. Ainda que cada uma tenha enfoques específicos, salientamos a importância de que crianças e adolescentes sejam ouvidos e tenham seus contextos e visões de mundo considerados. Ressaltamos, finalmente, a importância de que as lacunas apontadas neste estudo possam ser superadas e que novas pesquisas possam conferir maior centralidade às questões dos direitos digitais de crianças e adolescentes, de modo a colaborar com a produção de conhecimento qualificado sobre o uso crítico e seguro das tecnologias digitais.

Referências

- ANDRÉ, Marli E. D. A. **Estudo de caso**: seu potencial na educação. Rev. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 49, pp. 51-54, mai 1984.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papi-rus, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2012.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2008.
- BONIN, Jiani. Pesquisa Exploratória: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um projeto inves-tigativo. In: XXI Encontro Anual da Compós. 21., Juiz de Fora, 2012. **Anais...**, Juiz de Fora, p. 1-14, 2012.
- BRYCE, J. and LEICHTER, H. (1983): "The Family and Television: Forms of Mediation". **Journal of Family Issues**, v. 4, n. 2, p. 309-328.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Trad. Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010, 8ª ed.
- CASTRO, Lucia R. A infância e seus destinos no contemporâneo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 47-58, 2008.
- CGI.BR – COMITÊ GESTOR DA INTERNET. **TIC Kids Online Brasil, ano 2021**: Tabelas de resultados. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022.
- CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison; JENKS, Chris. Children constructing 'family time'. In: HOLLOWAY, Sarah L, VALENTINE, Gill. **Children's geo-graphies**: playing, living, learning, Londres, v. 8, p. 120-129, 2000.
- DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.
- DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.
- FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2012.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1989, 2ª ed.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, 57-63, 1995.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e> Acesso em 03/04/2021.

JACKS, Nilda (coord.); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content Analysis: An Introduction to its Methodology**. London: Sage Publications, 2004.

LIVINGSTONE, S., MASCHERONI, G., DREIER, M., CHAUDRON, S.; LAGAE, K. **How parents of young children manage digital devices at home: the role of income, education and parental style**. Londres: LSE, 2015.

LIVINGSTONE, Sonia; HELSPER, Ellen J. Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. **New Media & Society**, Nova Iorque, v. 9, p. 671-696, 2007.

LOURAU, René; LAPASSADE, Georges. **Para um conhecimento da sociologia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1975.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, Heloisa H. T. de S. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Rev. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MASCHERONI, Giovanna; CUMAN, Andrea. **Net Children Go Mobile: final report. Deliverables D6.4 and D5.2**. Milão: Educatt, 2014.

PASQUALI, Luiz. **Teoria dos Testes na Psicologia e na Educação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013, 5ª ed.

PONTE, Cristina; JORGE, Ana; CARDOSO, Daniel. Acessos e Usos: estudo de caso sobre a mediação das tecnologias em contexto escolar. **Comunicação apresentada**, n. 6, 2009.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants, on the horizon**. Ed.9. Bingley: NCB University Press. 2011.

ROCHA, Marisa L. da; AGUIAR, Katia F. de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Rev. Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, v.23, n.4, pp.64-73, 2003.

SAGGIN, Lívia; BONIN, Jiani. Problematizações para pensar as apropriações/produções digitais de jovens. In: XXV Encontro Anual da Compós. 25., Goiânia, 2016. **Anais...**, Goiânia, p. 1-22, 2016.

SCHMITZ, Daniela M. Consumo, sentidos, usos e apropriações nas pesquisas de recepção: nem tão sinônimos, nem tão distantes. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p.255-275, set./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.255-275>.

SIBILLA, Paula. A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. **Rev. Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, jan./jun. p. 35-51, 2005.

SIFUENTES, Lírian; RIBAS, João Vicente; BIANCHINI, Aline. As TICs no cotidiano de famílias agricultoras: apropriações e incorporações no meio rural contemporâneo. In: XXVIII Encontro Anual da Compós. 28., Porto Alegre, 2019. **Anais...**, Porto Alegre, p. 1-22, 2019.

TEDESCO, Sílvia H.; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana V. A Entrevista na Pesquisa Cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal**, **Rev. Psicol.** v. 25, n. 2, pp. 299-322, maio/ago 2013.

TRUCCO, Daniela; PALMA, Amália. **Infancia y adolescencia en la era digital**: un informe comparativo de los estudios de Kids Online del Brasil, Chile, Costa Rica y el Uruguay. Santiago: CEPAL, 2020.

THOMPSON, John B. Thompson. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VIOLATO, Claudio A.; LOURAL, Claudio de A. Desafios para o desenvolvimento das TICs no Brasil. **Rev. Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 15, n. 31, p. 283-288, 2012.

ZIMERMAN, David. A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade. **Rev. Vínculo**, São Paulo, v. 4, n. 4, dez 2007, Online.